

A visão de Wolfgang Streeck sobre o capitalismo contemporâneo

Pedro Mendes Rufino Barbosa¹

Resenha do livro:

STREECK, Wolfgang. *How Will Capitalism End?: Essays on a Failing System*. London, Verso, 2016, 272 p.

Introdução

O livro *How will capitalism end?* é composto por uma série de ensaios e artigos escritos pelo sociólogo alemão Wolfgang Streeck (2016). Como sugere o título, a tese central subjacente ao livro refere-se ao colapso do capitalismo; tese que também foi anunciada por autores como Marx, Polanyi e Schumpeter. Por isso, Streeck (2016: 57) se previne: “Se a história provar que estou errado, pelo menos estarei em boa companhia”.² Mas a discussão do autor perpassa também questões como a crise da democracia, alentada pelo capitalismo, bem como a crítica referente à vertente teórica *variedades de capitalismo*. Esta resenha, então, se organizará a partir desses três eixos para, finalmente, discutir os limites e as potencialidades do argumento de Streeck (2016) como um todo.

O Fim do Capitalismo

O cerne do argumento de Streeck (2016) diz respeito à fragilidade do capitalismo contemporâneo que, desde 1970, tem sofrido uma série de crises, sendo

1 Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP- UERJ) – Rio de Janeiro, RJ – Brasil – mrbarbosa.pedro@gmail.com

2 Tradução livre.

a de 2008 apenas a mais recente. Isso revelaria, por sua vez, que a prosperidade capitalista testemunhada no pós-guerra tem mostrado seu esgotamento desde a década de 1980. No entanto, diferente de Marx, para quem o colapso capitalista culminaria no comunismo, Streeck (2016) não acredita nessa transição, mas pressupõe apenas a autodestruição do sistema em função de suas próprias contradições, sem prever, porém, qual sistema o sucederia.

Os sintomas de tais contradições se manifestam em cinco fontes de desordem no sistema: 1) a queda das taxas de crescimento, principalmente entre os países industrializados, fenômeno que dificulta a sustentação do sistema capitalista e a sobrevivência dos indivíduos nele; 2) a ampliação das desigualdades de renda e a consequente oligarquização das sociedades, isto é, a formação de uma elite cada vez mais rica com uma crescente parte da população padecendo na pobreza; 3) a cada vez mais explícita corrupção do sistema, propagada pela crescente financeirização da economia, como testemunhado na crise de 2008, que corrói a sua legitimidade ética; 4) o acelerado endividamento dos Estados capitalistas à solução para o qual tem se implementado programas de austeridade rígida que retiram direitos sociais e promovem a privatização de serviços públicos; 5) o advento de uma ordem internacional multipolar e os efeitos das tentativas dos Estados Unidos de retomar a hegemonia global; ambos os fatores contribuem para uma maior instabilidade geopolítica.

Dentre esses sintomas, Streeck (2016) enfatiza a crise fiscal dos Estados cuja origem se processa no fim da década de 1970. Em contraposição ao que prega a ortodoxia econômica, essa crise não decorre do gasto crescente com provisões sociais compelido pela dinâmica eleitoral, pressão de sindicatos e a ação de partidos socialdemocratas. O autor demonstra, a partir de dados, que o processo de endividamento dos Estados deu-se justamente quando do enfraquecimento desses atores políticos durante a década de 1980. A crise fiscal coincidiria senão com as dinâmicas de financeirização e globalização, em reflexo das quais asseverou-se a competitividade entre as economias domésticas. No intuito de atrair investimentos, os governos promoveram uma série de desonerações de pessoas físicas – indivíduos com alta renda – e jurídicas, prática que redundou na perda do poder de arrecadação dos Estados, tornando-os vulneráveis ao crescente endividamento.

Com efeito, mesmo com a queda da capacidade orçamentária, quando se irrompe uma crise econômica, os Estados são pressionados a estabelecer um ajuste fiscal. Conforme Streeck (2016), estes constituem momentos cruciais por meio dos quais os donos do capital tentam privatizar serviços públicos. Em essência, o ajuste fiscal representa um mecanismo de reconquista de credibilidade

frente ao mercado financeiro, impelindo o Estado a demonstrar sua capacidade de honrar a dívida pública enquanto condição para voltar a receber investimentos. A essa dinâmica Streeck (2016: 131) chama de *consolidation state*:

Um Estado de consolidação consolidado é aquele que conseguiu institucionalizar um compromisso político e construir uma capacidade política para nunca descumprir sua dívida, projetando uma determinação intransigente de colocar suas obrigações para com seus credores acima de todas as outras obrigações.

Em suma, para Streeck (2016), trata-se de uma estrutura político-institucional de controle do mercado financeiro sobre o Estado para que este atenda às demandas daquele.

Capitalismo e democracia

Nesse sentido, Streeck (2016) retoma a discussão clássica nas Ciências Sociais referente à relação entre capitalismo e democracia. Se Marshall (1967) e, mais recentemente, Acemoglu e Robinson (2012) identificam uma relação consonante entre tais instituições, Streeck (2016) "number-of-pages": "272", "source": "Amazon", "event-place": "London", "abstract": "The provocative political thinker asks if it will be with a bang or a whimper After years of ill health, capitalism is now in a critical condition. Growth has given way to stagnation; inequality is leading to instability; and confidence in the money economy has all but evaporated. In *How Will Capitalism End?*, the acclaimed analyst of contemporary politics and economics Wolfgang Streeck argues that the world is about to change. The marriage between democracy and capitalism, ill-suited partners brought together in the shadow of World War Two, is coming to an end. The regulatory institutions that once restrained the financial sector's excesses have collapsed and, after the final victory of capitalism at the end of the Cold War, there is no political agency capable of rolling back the liberalization of the markets. Ours has become a world defined by declining growth, oligarchic rule, a shrinking public sphere, institutional corruption and international anarchy, and no cure to these ills is at hand.", "ISBN": "978-1-78478-401-0", "shortTitle": "How Will Capitalism End?", "language": "English", "author": [{"family": "Streeck", "given": "Wolfgang"}], "issued": {"date-parts": [{"2016", "11", "29"}]}, "suppress-author": true}], "schema": "https://github.com/citation-style-language/schema/raw/master/csl-citation.json"} , por contraste, aponta uma relação de conflito. Este autor observa que os donos do capital sempre foram relutantes

em relação à democracia. Apenas cederam à expansão do sufrágio universal, entre o fim do Século XIX e o início do Século XX, em função da pressão de uma classe trabalhadora ascendente. Foi a correlação de forças, conformada neste período histórico, que permitiu a democracia servir de instrumento decisivo de controle, por parte da classe trabalhadora, diante da supremacia dos interesses dos donos do capital. Por isso, a relação harmoniosa entre democracia e capitalismo observada no ocidente, durante o pós-guerra, representaria uma anormalidade e decorreria em grande medida do extraordinário crescimento econômico observado nesse período. Mais especificamente, a abundância econômica do pós-guerra teria se projetado como condição decisiva para a contenção dos conflitos de interesses na sociedade.

Entretanto, para Streeck (2016), a condição normal do capitalismo expressa-se nas crises, ao invés de períodos de crescimento econômico. Em tempos de crise, torna-se mais difícil administrar os interesses dos diversos setores sociais, razão pela qual a relação entre capitalismo e democracia tende a ser frequentemente conflituosa. Ilustrativo disso é que a austeridade fiscal figura como o principal “remédio” imposto pelo mercado financeiro para contornar crises. Nesse cenário, como afirma o autor, “a capacidade dos Estados Nacionais de mediar os direitos dos cidadãos e as exigências de acumulação de capital tem sido severamente afetada” (Streeck, 2016: 91).

Na verdade, o autor salienta que tais conflitos não se circunscrevem aos limites nacionais. Uma vez que as dinâmicas de investimentos e da dívida pública estão em relação com o capitalismo global, logo a democracia tem que lidar também com interesses internacionais. De acordo com Streeck (2016), o que se observa, na prática, é a supremacia de uma elite internacional financeira que, por meio de organismos internacionais, limitam a ação dos governos para pressioná-los a atender suas exigências. Para tanto, impõe-se, inclusive, a suspensão da democracia como se testemunhou na Grécia, em Portugal e Irlanda.³

Ainda a propósito da relação entre democracia e capitalismo, Streeck (2016) analisa que a lógica do consumo propagada pelo contexto pós-fordista tem desestimulado a participação política nas sociedades afluentes. Numa linha de raciocínio similar à habermasiana,⁴ o autor sustenta que a lógica de consumo perpetua uma cultura centrada apenas na satisfação individual, sob a qual a preocupação com os bens coletivos reveste-se de pouca relevância e, por consequência, torna desinteressante a participação política. Mais do que isso, mesmo

3 Streeck (2016) refere-se aqui à imposição de uma agenda econômica e fiscal, por parte da União Europeia, oposta ao programa político eleito democraticamente pelas sociedades dos referidos países.

4 No sentido da tese da colonização do mundo da vida.

quando os indivíduos decidem participar, a lógica do consumo prevalece, de modo a se vincular exclusivamente a pautas individuais ou sectárias, desvanecendo-se de orientação ao público. Quanto a esse fenômeno, Streeck (2016: 111) o caracteriza como “penetração dos modernos hábitos de consumo na esfera pública”. O resultado disso seria a fragmentação da organização política diante da esfera pública cujo efeito recai sobre o enfraquecimento da concepção de provisão pública diante da privada típica ao mercado. Isso é prejudicial para a sustentação da cidadania, para os estratos sociais mais pobres e dependentes de provisão pública. Finalmente, ao enfraquecer a preocupação com as questões coletivas, desestrutura-se, por sua vez, a própria democracia.

Variedades de capitalismo

Do ponto de vista metodológico, Streeck (2016) é crítico à perspectiva de *variedades de capitalismo*, que pensa o capitalismo de forma circunscrita aos arranjos políticos-institucionais voltados para promover eficiência econômica. Evocando Marx ou mesmo Smith, o autor argumenta que no capitalismo subjaz uma dinâmica própria, independente das estruturas institucionais, tal como a sua tendência de expansão e a sua constante necessidade de acumulação. Ainda que sob contextos político-institucionais munidos de maior aparato regulatório – característica das *economias coordenadas*, assim chamadas pela vertente de *variedades de capitalismo* – a capacidade de controle, porém, é débil, pois não consegue acompanhar a rapidez das transações econômicas e, em tempos de globalização, esbarra nos limites de jurisdição. Além disso, a unidade de análise dessa vertente teórica repousa sobre os Estados nacionais, de cuja comparação tenta-se deduzir o primado da política sobre a economia enquanto fator explicativo da dinâmica capitalista. Contrário a essa posição, Streeck (2016) endossa uma teoria inversa, conforme a qual o capitalismo se sobrepõe aos fatores político-institucionais, na medida em que estabelece uma relação de interdependência e influência mútua entre economias domésticas. Às análises comparativas centradas nos Estados nacionais passam despercebidos os efeitos dessa relação. Ao mesmo tempo, o capitalismo se configuraria por certa unidade, razão pela qual Streeck (2016) discorda do conceito de *variedades de capitalismo*, pois, ao fim ao cabo, existiria apenas uma forma de capitalismo. Nessa linha de raciocínio, o autor constata a inocuidade inerente à busca por formas melhores de capitalismo; a única solução seria substituí-lo por um sistema alternativo.

Finalmente, vale dizer que o autor também critica a perspectiva econômica neoclássica, que pensa o capitalismo enquanto sistema econômico hermético,

apartado, portanto, das relações sociais. Ao contrário, o capitalismo está imbricado nessas relações inclusive no que diz respeito ao aspecto moral com o qual se legitima a ordem econômica na sociedade; daí a limitação das Ciências Sociais em compreender esse fenômeno, dada a divisão de trabalho entre as disciplinas que conferiu à Economia a exclusividade de estudá-lo. Nesse sentido, esse modo de produção constituiria um campo estruturante da sociedade, afetando-a em todas as suas dimensões.

Potencialidades e limitações

No que diz respeito ao ponto central levantado pelo livro, há que se salientar que, em nenhum dos artigos, Streeck (2016) responde efetivamente a pergunta expressa no título: “Como o capitalismo irá acabar?”. Embora identifique contradições e pontos de conflito, o autor não apresenta elementos substantivos que sustentem a tese do colapso capitalista. Certo é que tensões sempre permearam em alguma medida o capitalismo, como frequentemente Marx indicou. Resta exprimir, porém, as razões pelas quais as tensões contemporâneas, diferentemente das de outrora – como as apontadas por Marx –, tornaram-se, então, suficientes para culminar no esgotamento do sistema agora. A essa questão, entretanto, Streeck (2016) não elucida.

Por outro lado, o autor apresenta dados que embasam o conceito de *consolidation state* por ele formulado. De fato, a análise temporal dos dados revela a crescente tendência de endividamento dos Estados, sobretudo após 1970. E, correlacionado com isso, expressa o processo de contensão fiscal a que se submeteram justamente para honrar tais dívidas.

Por esse ponto de vista, o autor expõe uma análise desafiadora à Ciência Política no que diz respeito às ameaças do capitalismo financeiro à democracia. Desafiadora, pois, traz a importância dos agentes do mercado – especialmente do financeiro – nas decisões tomadas por governos democráticos, dimensão frequentemente negligenciada pelos cientistas políticos. Ou seja, põe a questão sobre como as ambições do mercado e seus artifícios de controle sobre o Estado podem corromper o princípio da soberania popular democrática. Nesse mesmo sentido, Streeck (2016) levanta aspectos relevantes a respeito de como a globalização abre margem para a interferência de interesses capitalistas externos sobre escolhas tomadas democraticamente no âmbito doméstico. Em suma, o autor reinsere o debate sobre a compatibilidade entre democracia e capitalismo, atualizando-o ao destacar os desafios trazidos pela manifestação contemporânea deste sistema de produção.

Por último, cabe dizer que é pertinente a crítica de Streeck (2016) quanto às mazelas da divisão de trabalho na área das Ciências Sociais, sobretudo quando observa os “pontos cegos” analíticos delimitados pelas fronteiras disciplinares. Fronteiras estas incapazes de captar a complexidade subjacente a um fenômeno social tal qual o capitalismo, cuja compreensão, por exemplo, a análise estritamente econômica revela-se insuficiente. Esta não é uma crítica nova, trata-se de uma expressa influência de Polanyi (1980) em cujo trabalho clássico, *A Grande Transformação*, já se critica o liberalismo econômico pelo seu viés economicista. Da mesma maneira, a análise de Streeck (2016) também ecoa a crítica de Piketty (2014) de que o capitalismo e as questões a ele relacionadas não deveriam ser objeto de estudo exclusivo dos economistas, senão estarem sujeitos ao escrutínio dos cientistas sociais de uma forma geral.

Referências

- ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *Por que as Nações Fracassam: As Origens do Poder, da Prosperidade e da Pobreza*. Tradução Cristiana Serra, 1. ed, Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.
- MARSHALL, Thomas Humphrey. Cidadania e Classe Social. In: MARSHALL, Thomas Humphrey. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1967, pp. 61–111.
- PIKETTY, Thomas. *Capital in the Twenty First Century*. Tradução Arthur Goldhammer. Cambridge Massachusetts, Belknap Press, 2014, 685 p.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro, Campus, 1980, 337 p.
- STREECK, Wolfgang. *How Will Capitalism End?: Essays on a Failing System*. London, Verso, 2016, 272 p.

Recebido em 05/02/2018

Aprovado em 07/11/2018

Como citar esta resenha:

- BARBOSA, Pedro Mendes Rufino. A visão de Wolfgang Streeck sobre o capitalismo contemporâneo. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 2, jul.- dez. 2018, pp. 665-671.

